



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de dezembro de 2024

Notícias do Dia

Serviço

“UFSC abre concurso para assistente em administração”

UFSC abre concurso para assistente em administração / DDP / Campi de Blumenau / Universidade Federal de Santa Catarina

73 VAGAS

UFSC abre concurso para assistente em administração

A UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) abriu concurso público para o cargo de assistente em administração, com exigência de ensino médio profissionalizante ou médio completo mais experiência de 12 meses na área, para os campi de Blumenau e Florianópolis. São 73 vagas, sendo 43 para ampla concorrência, 14 para pessoas com deficiência, 15 para negros e uma para pessoa trans.

A inscrição custa R\$ 125,62 e pode ser feita das 14h de 8 de janeiro às 23h59min de 13 de fevereiro, por meio do site do Edital nº 049/2024/DDP. Há casos em que é possível requerer a isenção da taxa, benefício que deve ser solicitado até 29 de janeiro.

O concurso terá prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, no dia 23 de março, com 50 questões de múltipla escolha, sendo 15 de língua portuguesa, dez de conhecimentos gerais e 25 de conhecimentos específicos.

O vencimento básico inicial é de R\$ 2.667,19, mais R\$ 1.000 de auxílio-alimentação, com possibilidade de acréscimo por formação superior à exigida.

Notícias do Dia

Plural

“Eglê, uma trajetória de coragem e coerência”

Eglê, uma trajetória de coragem e coerência / Eglê Malheiros / Salim Miguel / Editora / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Eglê, uma trajetória de coragem e coerência

Professora, escritora, tradutora, editora e roteirista catarinense que morreu na semana passada *foi um exemplo de engajamento e defesa da liberdade e da democracia*

Paulo Clóvis Schmitz
redacao@ndmais.com.br

Por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher, reza o dito popular. No caso de Salim Miguel e Eglê Malheiros, o ditado precisa ser relativizado porque, estrelas de idêntica grandeza, um foi arrimo do outro, na vida e na arte, embora o escritor de origem libanesa tenha sido mais citado, pelas dezenas de livros que publicou, pela atuação intensa na imprensa brasileira e pelos cargos que ocupou em Florianópolis, como diretor executivo da Editora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e presidente da Fundação Franklin Cascaes.

Na última terça-feira (17), oito anos e meio depois de Salim, Eglê morreu em Brasília, onde morava com a filha Sônia Malheiros, aos 96 anos. A perda foi lamentada tanto pela importância da carreira da escritora, professora, tradutora, editora e roteirista quanto pela trajetória exemplar na combinação de mãe de cinco filhos, intelectual ativa, militante e companheira que foi heroica e decisiva quando o marido, sobrecarregado pelo trabalho ou preso pela ditadura militar, se viu afastado do dia a dia da família.

O documentário “Eglê”, de Adriane Canan, lançado em 2023,



Eglê Malheiros ao lado do marido, o escritor Salim Miguel, que morreu em 2016, aos 92 anos

foi um grande tributo à escritora, porque é uma síntese de sua vida e resgata sobretudo uma atuação política pautada pela coerência no combate à opressão, na defesa da liberdade de expressão e na luta por uma educação pública e gratuita de qualidade. Eglê perdeu o pai assassinado por questões políticas, em Lages, e chegou a ser afastada de suas funções como pedagoga porque era vinculada ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) e foi militante desde a ado-

lescência, como aluna do Colégio Coração de Jesus, na Capital.

A liderança que conquistou foi resultado da cultura acumulada, de muitas leituras e de tomadas de posição que poucos tinham coragem de tomar públicas, num período de repressão da livre manifestação de pensamento. Num texto escrito em julho de 1998, e lido por ela mesma no documentário, Eglê diz: “Mais do que nunca precisamos de liberdade e de democracia”. Sem levantar

uma voz, falava com convicção de temas que lhe eram caros.

Entre os feitos de Eglê Malheiros estão o trabalho como atriz na peça “O ser e o nada”, de Jean-Paul Sartre, quando fazia parte do Grupo Sul, na primeira vez que um texto do pai do Existencialismo foi montado no Brasil, e como coautora, ao lado de Salim Miguel, do argumento do filme “O preço da ilusão”, o primeiro longa-metragem produzido em Santa Catarina, em 1957.

Grupo Sul afrontou o atraso cultural da Ilha nas décadas de 40 e 50

Nascida em Tubarão, em 1928, Eglê mudou-se para Lages com a família e depois, com a morte do pai, veio com a mãe (Rita da Costa Avila Malheiros) para Florianópolis. Estudou em Porto Alegre e começou a lecionar ainda muito jovem. Com 18 anos, entrou na faculdade e foi uma das primeiras mulheres a se formar em Direito em Santa Catarina. Em 1946, ingressou no PCB (Partido Comunista Brasileiro), espaço no qual já militava anteriormente e onde teve

grande participação. Sua mãe também era filiada ao partido e chegou a ser candidata a deputada federal nas eleições de 1947.

No final da década de 1940, Eglê ajudou a construir o Circuito de Arte Moderna, também conhecido como Grupo Sul. Foi a única mulher a participar do coletivo, que, segundo ela, rompeu com “uma realidade provinciana e colonizada” nas artes e na literatura. Pelas Edições Sul, em 1952, publicou seu primeiro livro de poemas,

“Manhã”. No mesmo ano, casou-se com Salim Miguel, com quem teve uma parceria de mais de 60 anos. No filme de Adriane Canan, ela definiu assim o espírito do Grupo Sul: “Queríamos nos afirmar como pessoas pensantes, com sensibilidade artística, que não poderíamos ignorar a terra em que vivíamos”.

Eglê Malheiros foi professora concursada do Instituto Estadual de Educação (chamado de Instituto de Educação Dias Velho) e ensinou História Geral,

História do Brasil e História de Santa Catarina. Presa em abril de 1964, foi impedida de continuar a dar aulas e só voltou a lecionar no retorno a Florianópolis, em 1979. No Rio, trabalhou na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e fez mestrado em Comunicação na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Seu acervo de documentos, em Brasília, contém mais de 3.000 itens, entre manuscritos, recortes de jornais e revistas, originais inéditos e fotografias.

Piquetes no pátio do colégio de freiras

Se Salim Miguel foi preso logo após o golpe de 1964, Eglê Malheiros também teve o desprazer de ser detida e depois ficou quase 40 dias em prisão domiciliar. No dia em que foi levada pelos agentes de segurança, uma vizinha pediu ao motorista de uma Kombi que fosse dar uma volta com os filhos da escritora para que eles não vissem a mãe saindo de casa naquelas condições. Na semana em que ficou detida no Hospital do Exército, em Florianópolis, soube que um dos filhos estava com febre, mas nada pôde fazer por ele.

No filme de Adriane Canan, Eglê fala dos problemas que sua militância precoce causou, dos desafios enfrentados pelo Grupo Sul e das dificuldades para fazer cinema na década de 1950 em Florianópolis. Também lembra dos tempos em que foi aluna de um colégio de freiras, em plena segunda guerra mundial, quando fazia piquetes no pátio da escola e editava um pequeno jornal que se posicionava contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A seccional catarinense da Associação Brasileira de Escritores, criada por ela em 1951, foi qualificada em um documento militar como um “órgão de inspiração comunista”.

Filho de Eglê Malheiros, o jornalista e crítico musical Antônio Carlos Miguel destaca que a mãe foi “uma enciclopédia ambulante” que impressionava a todos pela bagagem cultural, transmitindo aos filhos o gosto pelo conhecimento e o senso crítico e questionador que é a marca de todos eles. Ela era a primeira leitora – sempre muito crítica – dos textos do marido Salim, e mesmo nessa lida deu vazão à veia poética, que revelou especialmente no livro “Manhã”, lançado em 1952 pelas Edições Sul.

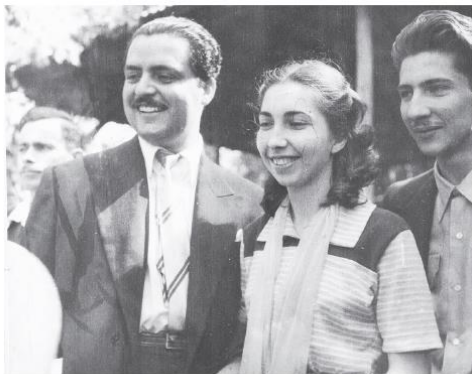
CONHECIMENTO

“Ela sempre teve coragem e foi muito coerente em sua vida e carreira”, diz Antônio Carlos. “Quanto éramos jovens, os amigos que nos visitavam ficavam pasmos com o seu conhecimento enciclopédico”, conta.

Tradutora de obras de ficção e teatro

No Rio de Janeiro, enquanto Salim Miguel cumpria uma longa jornada de trabalho, Eglê se desdobrava em trabalhos de tradução (ela conhecia cinco línguas) e revisão de livros. Ela verteu para o português obras de Hermann Hesse, Martin Gottfried (teatro), Paul Tillich e Howard Mumford Jones. Entre as obras de sua autoria aparecem ainda “Desça, menino!” (1985), “Vozes veladas – Peça em dois atos” (1996), “Memórias de editor” (com Salim Miguel, 2002), “Os meus fantasmas” (2002), entre outros, alguns na área da literatura infanto-juvenil.

Em novembro de 2013, o Centro de Artes da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) inaugurou o Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel, no prédio do IDCH (Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas), no Centro de Florianópolis. O local guarda e disponibiliza para consulta, estudo e pesquisa o acervo pessoal do casal, composto por 9.300 livros, 267 títulos de revistas, documentos e objetos pessoais (máquina de escrever, medalhas, placas, certificados entre outros).



Salim Miguel e Eglê em foto da década de 1950 em Florianópolis



Perdemos Eglê Malheiros, escritora e professora catarinense. Ela foi presa e afastada das suas aulas no Instituto Estadual de Educação durante a ditadura militar. Tive a honra de entrevistar Eglê em 2013, quando participei da Comissão da Verdade em Santa Catarina. Obrigada, Eglê, por seu pioneirismo, pela força e por inspirar tantas mulheres!”

Luciane Carminatti, deputada estadual

Manhã

*Em outras terras é dia pleno
De messe fartas e de cantigas,
Por isso temos certeza:
Aqui também nós cantaremos
Quando a manhã conquistada
Inundar de luz nossas mãos
Fazendo todo ódio se transformar
em construção*

Do livro “Manhã” (1952)



Aprendi muito sobre a mulher extraordinária que ela foi, uma mulher de resistência, de luta por justiça social. Uma mulher da poesia, das letras”.

Fernanda Sales, coordenadora do IDCH (Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas), da Udesc

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

24/12

[Conheça a Praia da Lagoinha do Leste, em Florianópolis, onde 'cascata' se formou em areia](#)

[Equipe Grandes Heróis e Patinhas Solidárias visitam pacientes do HU-UFSC no dia 30/12](#)

25/12

[No Brasil, 1,4 milhão de estudantes não têm água tratada na escola](#)

[No Brasil, 1,4 milhão de estudantes não têm água tratada na escola](#)